



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos da Realidade Brasileira

Atena
Editora
Ano 2020



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos **da Realidade Brasileira**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D286	<p>Debates geográficos da realidade brasileira [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-017-9 DOI 10.22533/at.ed.179200405</p> <p>1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 910.03</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “Debates Geográficos da Realidade Brasileira”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e um capítulos a partir de análises, ensaios, relatos e pesquisas de professores e pesquisadores oriundos de diferentes instituições.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento público na área de Geografia, entre outras áreas afins para debater a função social da ciência geográfica, bem como das Ciências Humanas no cotidiano de um país marcado por inúmeras contradições e desigualdades sob a égide de práticas que violam a nossa jovem democracia.

A Coletânea está organizada a partir de alguns eixos temáticos, quais sejam: Ensino de Geografia, Geografia Agrária, Geografia Urbana e Econômica, Cartografia e Geoecologia, Geografia Cultural e Política e Geografia Regional. Tal diversidade revela a necessidade da Geografia para compreensão, e, sobretudo, transformação da realidade brasileira e suas conexões com o mundo globalizado. Nesse devir, urge refletir e construir teorias que possam desvendar nosso futuro comum.

Assim, os capítulos 1, 2 e 3 versam sobre as possibilidades do Ensino de Geografia, enfatizando respectivamente a Cartografia Tátil, o Trabalho de campo e propostas inclusivas, bem como os desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia.

No segundo eixo sobre Geografia Agrária, os capítulos 4, 5 e 6 tratam dos desafios da construção de um Atlas da Questão Agrária Norte Mineira, a formação territorial da Campanha Gaúcha e a Indústria de beneficiamento de arroz no interior do estado de São Paulo.

O terceiro e maior eixo temático da Coletânea, versa os desafios urbanos e econômicos na contemporaneidade, cujas análises estão presentes nos capítulos 7 a 15 a partir dos seguintes subtemas: reestruturação produtiva no Recôncavo baiano, vulnerabilidade e renda familiar na região imediata de Ituiutaba - MG, consumo, comércio e novos empreendimentos em Timon – MA, gestão territorial urbana em Belo Horizonte – MG, subúrbios de Recife-PE, renovação urbana em Paulista-PE, planejamento urbano e participação popular em Teresina-PI, empresas de publicidade e rede urbana no Brasil e a produção territorial-urbana em Oiapoque-AP.

O Capítulo 16 apresenta uma importante e atual análise sobre a Cartografia do feminicídio em Belém-PA, cujos dados versam sobre o período de 2011 a 2018. Já os capítulos 17 e 18 apresentam as Unidades Ambientais em Santa Maria – RS a

partir de uma revisão da sustentabilidade ambiental e urbana e as estratégias para Educação Ambiental em área de risco na Zona Norte de Recife-PE.

Na sequência o capítulo 19 apresenta uma análise sobre o conflito Sírio em consonância com formação territorial e os desafios políticos e o sectarismo religioso. Enquanto o capítulo 20 apresenta um breve relato sobre o divino, o sagrado e o profano e a relação com os rituais africanos nos países do Mercosul. Por fim, no capítulo 21 discute-se o conceito o nordeste brasileiro a partir de um profícuo diálogo com as teorias de Gilberto Freyre.

Esperamos que as análises e contribuições publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da Geografia em sintonia com a sua função e responsabilidade socioambiental e territorial para construirmos alternativas para transformar a realidade a partir de uma Geografia socialmente engajada.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS: CONFEÇÃO DE MAPAS TÁTEIS COM MATERIAIS ACESSÍVEIS E DE BAIXO CUSTO	
Laís Caroline Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1792004051	
CAPÍTULO 2	15
CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS PERMEADO POR TEMÁTICAS INTERDISCIPLINARES E POR PRÁTICAS INCLUSIVAS DE TRABALHO DE CAMPO	
Maria Solange Melo de Sousa Juanice Pereira Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1792004052	
CAPÍTULO 3	29
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA	
Severino Alves Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.1792004053	
CAPÍTULO 4	37
A CONSTRUÇÃO DO ATLAS DA QUESTÃO AGRÁRIA NORTE MINEIRA E OS DESAFIOS E DISPUTAS TERRITORIAIS	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira Anderson Willians Bertholi Bruna França Oliveira Tayne Pereira da Cruz Walcricio Martins Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1792004054	
CAPÍTULO 5	50
TERRITÓRIOS EM CONSTRUÇÃO NOS RINCÕES DO BRASIL MERIDIONAL: DA COLONIALIDADE E SUBALTERNIDADE, ÀS R-EXISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CAMPANHA GAÚCHA	
Anderson Luiz Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1792004055	
CAPÍTULO 6	61
“INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ EM SANTA CRUZ DO RIO PARDO E SUAS RELAÇÕES ESPACIAIS”	
Reinaldo Luiz Selani	
DOI 10.22533/at.ed.1792004056	
CAPÍTULO 7	72
DINÂMICA TERRITORIAL E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO RECÔNCAVO BAIANO	
Alessandra Oliveira Teles Wodis Kleber Oliveira Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.1792004057	

CAPÍTULO 8 87

RENDA FAMILIAR NA REGIÃO IMEDIATA DE ITUIUTABA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A VULNERABILIDADE SOCIAL

Márcia de Souza Oliveira Paes Leme Alberto

Nélio Paulo Sartini Dutra Júnior

Léia Adriana da Silva Santiago

Lílian Gobbi Dutra Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.1792004058

CAPÍTULO 9 108

SHOPPING CENTER NA AVENIDA PIAUÍ: CONSUMO, COMÉRCIO E NOVOS EMPREENDIMENTOS EM TIMON (MA)

Amanda Maria Pires De Brito

Antônio Cardoso Façanha

DOI 10.22533/at.ed.1792004059

CAPÍTULO 10 120

DEMOCRACIA ELETRÔNICA E GESTÃO TERRITORIAL URBANA EM BELO HORIZONTE-MG

Vandeir Robson da Silva Matias

Matusalém de Brito Duarte

DOI 10.22533/at.ed.17920040510

CAPÍTULO 11 137

DOS ENGENHOS, SÍTIOS E ARRABALDES AO SUDOESTE DO RECIFE CONTEMPORÂNEO

Gabriel Augusto Coêlho de Santana

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040511

CAPÍTULO 12 152

O PROCESSO DE RENOVAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE PAULISTA/PE

Everton Barbosa da Luz

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040512

CAPÍTULO 13 168

NOTAS SOBRE O MODELO DE PLANEJAMENTO URBANO NA CIDADE DE TERESINA: ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO POPULAR

Gilson Barbosa de Sousa

Aline de Araújo Lima

DOI 10.22533/at.ed.17920040513

CAPÍTULO 14 179

ESTRATÉGIA E CORRELAÇÕES ENTRE AS EMPRESAS DE PUBLICIDADE E A REDE URBANA BRASILEIRA

Ronaldo Cerqueira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.17920040514

CAPÍTULO 15	189
REALIDADES FRONTEIRIÇAS: REFLEXOS NA PRODUÇÃO TERRITORIAL- URBANA EM OIAPOQUE – AMAPÁ	
Edenilson Dutra de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.17920040515	
CAPÍTULO 16	209
CARTOGRAFIA DO FEMINICÍDIO EM BELÉM-PA: UMA ANÁLISE DOS CASOS REGISTRADOS ENTRE 2011 A 2018	
Tatiane da Silva Rodrigues Tolosa Clarina de Cássia da Silva Cavalcante Roberto Magno Reis Netto Robson Patrick Brito do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.17920040516	
CAPÍTULO 17	219
UNIDADES AMBIENTAIS PARA SANTA MARIA/RS	
Priscila Terra Quesada José Manuel Mateo Rodriguez	
DOI 10.22533/at.ed.17920040517	
CAPÍTULO 18	230
PAISAGEM COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREA DE RISCO NA ZONA NORTE DE RECIFE – PE	
Silvana Paula Soares Rodrigo Dutra-Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040518	
CAPÍTULO 19	245
O CONFLITO SÍRIO COMO RESULTADO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL: PODER POLÍTICO E SECTARISMO RELIGIOSO	
Leonardo Johas Petrocelli	
DOI 10.22533/at.ed.17920040519	
CAPÍTULO 20	254
OS VÍNCULOS DO CORPO E DA MENTE: O DIVINO, O SAGRADO E O PROFANO E SUAS RELAÇÕES COM OS RITUAIS AFRICANOS EM PAÍSES DO MERCOSUL	
Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez Maurício Ribeiro da Silva Cristina Vieira Barbosa, pedagoga Gabrielle Pellucio De Felice Lenci	
DOI 10.22533/at.ed.17920040520	
CAPÍTULO 21	258
A REGIÃO NO NORDESTE BRASILEIRO : DIALÓGOS COM GILBERTO FREYRE	
Marina Loureiro Medeiros Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040521	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

A REGIÃO NO NORDESTE BRASILEIRO : DIALÓGOS COM GILBERTO FREYRE

Data de aceite: 13/04/2020

Marina Loureiro Medeiros

Mestranda de Geografia pela UFPE

Rodrigo Dutra Gomes

Professor em Geografia pela UFPE

RESUMO: O conceito de região no nordeste brasileiro detém uma construção singular em relação ao que foi refletido em outros locais, o que ajudou a caracterizar a especificidade e carga conceitual e cultural da Região Nordeste. O conceito de região sendo múltiplo e não exclusivo da ciência geográfica, se faz presente tanto em outras ciências como no próprio senso comum, ajudando a afirmar as identidades e tradições no entremeio da relação homem x meio (GOMES, 1995). No Nordeste os conceitos de região e regionalização foram refletidos inicialmente em Pernambuco, sobretudo em Recife, com mais força através de um viés sociológico e antropológico, o viés de Gilberto Freyre. Segundo Andrade (2007), o já conhecido sociólogo pernambucano havia adquirido os conceitos de regionalismo e de tradicionalismo local a partir de uma temporada na Universidade de Columbia (Estados Unidos), influenciando-o a desenvolver no Recife, em 1924, o Centro Regionalista Pernambucano, sediado na casa do intelectual Odilon Nestor. É

nesse contexto que realizou-se, dois anos depois (de 7 a 11 de fevereiro de 1926), no Recife, o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, tendo como representante Gilberto Freyre, que já trazia na época conteúdos geográficos diversos, exaltação das particularidades da paisagem e da formação territorial. A partir desse panorama, o trabalho apresentado visa entender a visão freyriana de região contida nas obras Nordeste (1989) e Região e Tradição (1941) como esta visão veio a modificar significativamente o paradigma de Região de um país, passando assim a ter o viés identitário, socioeconômica e cultural como elementos preponderante ao conceito de região, estes que exaltados por Freyre colocariam “a região como unidade última do espaço” e, mais do que isso, espaço fundante genético para análise de qualquer atividade humana (FREYRE, 1947). Nesse trabalho discutiremos como o autor, recoloca a região Nordeste no mapa identitário do Brasil transformando o lócus de aridez e insolação como caracteres singulares em termos paisagísticos com um berço cultural. As características culturais são somadas num construto de novas regionalizações baseados em critérios socioeconômico e culturais, regionalizações essas que só viriam mais fortes no âmbito geográfico nacional entre 1940-1950, e que já eram defendida por Freyre no final dos anos 20 (CARDOSO, 2013). Observa-

se a contemporaneidade do autor que já tratava temas atuais da geografia como os processo de regionalização, entendo, como Haesbaert(2010) também entende, como fazendo parte do processo de diferenciação espacial, pois, por meio de seu caráter de ação, esse processo tem a região como “produto-produtor” de um determinado lócus. Aprende-se então conclusivamente, que a máxima de Vainer (2001), o qual afirma que, a despeito dos que decretam o fim da questão regional, está na verdade persiste nos debates contemporâneos, demonstrando sua vivacidade analítica e sua atuação política, tanto para as forças de conservação quanto para as de mudança (LEMOS, 2005). Recorrendo a história do pensamento observa-se que temas contemporâneos já vinham sendo discutidos no passado, e pelos resgates deste passado ajudar a explicar os temas regionais atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Região, Movimento Regionalista, Gilberto Freyre, Regionalização.

ABSTRACT: The region concept in the Brazilian northeast detains a singular construction regarding what was reflected in other places, which helped to characterize the especificidade and conceptual and cultural load of the Northeastern Region. The region concept being a multiple and not exclusively of the geographical science, is made present both in other sciences and in the common sense itself, when to affirm the identities and traditions in the entremeio of the relation man x average (GOMES, 1995). In the Northeast the concepts of region and regionalization were reflected initially in Pernambuco, especially in Recife, with more it forces through a sociological and anthropological slant, the slant of Gilberto Freyre. According to Andrade (2007), the already known sociologist from Pernambuco had acquired the concepts of regionalism and of local traditionalism from a season in the University of Columbia (United States), when it developing in the Recife, in 1924, by the Center Regionalista Pernambucano, hosted at the house of the intellectual Odilon Nestor. It is in this context that there happened, two years later (of 7 to 11th of February of 1926), in the Recife, the First Congress Regionalista of the Northeast, having like representative Gilberto Freyre, that was already bringing in the time different geographical contents, agitation of the peculiarities of the scenery and of the territorial formation. From this view, the presented work aims there understand the vision freyriana of region contained in the works Northeast (1989) and Region and Tradition (1941) like this vision come to modify significantly the paradigm of Region of a country, starting to have so the slant identitário, socioeconômica and culturally like elements predominantly to the region concept, these that agitated by Freyre would put “the region as last unity of the space” and, more than that, I space out fundante genetically for analysis of any human activity (FREYRE, 1947). In this work we will talk like the author, it re-puts the Northeast region in the map identitário of Brazil transforming the lócus of dryness and sunstroke as singular characters in having paisagísticos with a cultural cradle. The cultural characteristics are added up in a construto of new regionalization when they were based on criteria socioeconômico and cultural, this regionalization that only would come stronger in the national geographical extent between 1940-1950, and what were already defended by Freyre in the end of the 20 years (CARDOSO, 2013).

It is noticed that the contemporaneity of the author who was already treating current subjects of the geography as they are prosecuted by me of regionalization, I understand, like Haesbaert (2010) also understand, like making part of the process of space differentiation, so, through his action character, this process takes the region as “a producing-product” of determined locus. It learns then conclusively, that the maxim of Vainier (2001), which affirms that, in spite of that they decree the end of the regional question, it is in fact persists in the contemporary discussions, demonstrating his analytical vivacity and his political acting, so much for the conservation force how much for those of change (WE READ, 2005). Resorting to history of the thought one is noticed that contemporary subjects were already being discussed in the past, and for the redemptions of this past to help to explain the current regional subjects.

KEYWORDS: Region; Regionalist Trade; Gilberto Freyre; Regionalization.

1 | INTRODUÇÃO

A porção Nordeste do Brasil, hoje tida como um dos berços culturais do país, e de grande diversidade paisagística geográfica, já foi bastante pormenorizada como um locus de fome, aridez, subdesenvolvimento e atraso.

No meio político, foi a partir do início da década de 1920, durante o período republicano no Brasil, que a ideia de tentar construir um estado-nação mais coeso com intuito de dissipar o passado dos movimentos separatistas que ocorreram durante a segunda metade do século XIX. Com o lema filosófico positivista francês de ordem e progresso, o país procurou inicialmente entender mais as novas federações instituídas, cedendo à capital da província certa autonomia local em troca de O período destacado em amarelo parece incompleto. Você até desenvolve as razões da ideia de se construir um Estado-nação, mas não define o que foi da ideia, se foi concebida no período, se for rechaçada, se foi difundida; parece apenas mencioná-la. Do jeito que está, o período não faz sentido, está inconcluso; faltou dizer que, por exemplo, “a ideia de tentar construir um Estado... durante a segunda metade do século XIX *foi levada a cabo*”, por exemplo. pagamento de aumento no pagamento de impostos, mas que não impediram a manutenção das heterogeneidades regionais tanto econômicas quanto culturais, que se fortalecem ao poder oligárquico local.

Deste modo, o fazer regional passa a dar forma identitária ao país, sendo o nordeste reconhecido inicialmente como uma região promissora a partir dos escritos de viagem de Euclides da Cunha, com sua obra homônima, *Os Sertões* (1910), para região sertaneja do nordeste, pois caracterizava a paisagem geográfica, uma forma de regionalização natural, com um forte padrão comum que determina o modos de vida dos nativos daquele local, associando quase que ratzelianamente, com a resiliências da vegetação e dos animais à *secura* daquela porção do nordeste, o que, segundo o ator, tornava-os fortes.

Partindo do regionalismo natural, quase 15 anos depois, Gilberto Freyre lança com *Nordeste (1989) escrito em 1925*, ideias do regionalismo identitário advindo de uma série de artigos já *escritos* para o *jornal* prestigiado e centenário na data, o Diário de Pernambuco . Freyre expõem para os intelectuais locais o que deveria ser esse nordeste, que vai ser edificado e continuado em *Região e Tradição (1941)* , livro que traz também em seus escritos um conjunto de artigos dos mais diversos estudiosos paraibanos e pernambucanos sobre a localidade, reafirmando singularidades culinárias, regionais, paisagísticas que essa região trouxe e vinha trazendo de contribuição para essa unidade nacional.

Através do método historiográfico moderno, o artigo presente visa resgatar a criação da origem espaço-cultural da região nordeste através da visão freyreana do que seria *Região*, dentro de um período em que se começa a ser identificado e conhecida essa segmentação espacial como formadora importante de um povo . Desse modo , o olhar particular do intelectual que sempre reafirmou suas raízes, o recifense Gilberto Freyre, traz consigo toda singularidade de um fazer regional , fazer esse que se inicia no movimento regionalista de 1926 mas tem seus desdobramentos na contemporaneidade, encontrando permanência e renovações ao movimento, ambas complementares e importantes para identidade de espaço fim chamado de Região Nordeste.

2 | O NORDESTE DE FREYRE : A REGIÃO ENTRE A TRADIÇÃO E O MODERNO

O menino Gilberto Freyre viveu parte da sua infância entre o engenho São Severino dos Ramos, de sua avó materna, mãe de Francisca de Melo Freyre, as ruas recifenses da estrada dos Aflitos (hoje, Avenida Rosa e Silva) e as ladeiras da antiga Olinda, onde cria o contato íntimo com a cultura católica-africana dos terreiros e as vivências culturais típicas da região açucareira pernambucana, como maracatus, cabloquinhos e doces de coco e de mamão. Dessas experiências sentimentais memorialistas da infância, Freyre escreveria anos mais tarde *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife (1934)* e *Pessoas, Coisas & Animais (1971)* (FREYRE,2002).

Diferencial para os anos posteriores de sua vida foi, na verdade, o contato com a língua inglesa. Em razão de um déficit de aprendizado e da inquietude na infância, sua primeira alfabetização, tardia, se deu com Mr Willian, americano; logo se encaminharia ao colégio Americano Batista Gilreath, o qual seu pai, Alfredo Freyre, tinha fundado, e em que seu irmão Ulisses Freyre estudava. Mais velho, entusiasmou-se pela literatura clássica em geral a partir do contato com autores clássicos como Virgílio, Camões, Goethe e Skakespeare. Levado por esse entusiasmo, tornou-se

chefe do jornal do colégio, *O Lábaro*, aos 14 anos, e chegou a findar aos 17 o curso ginasial como bacharel em Ciências e Letras (PALLARES, 2005).

De acordo com Burke (2005), apesar de para um jovem da área de humanas ser bem mais interessante a ida a um país europeu, a inviabilidade da guerra e a facilidade de trocar os créditos do colégio de origem protestante numa universidade conhecida por “Vaticano Batista”, como a universidade de Baylor, acabaria por ser a melhor opção para o jovem Freyre e seus familiares.

Em Baylor, possui contato mais próximo com o Prof. J. Armstrong, crítico literário especializado em literatura inglesa, que despertou no jovem Freyre ainda mais interesse pela literatura anglófona, apresentando o estilo de escrita ensaísta tão presente ao longo de sua vida, e já especialmente presente nas suas correspondências ao Diário de Pernambuco, que compuseram uma seção de jornal denominada “Da Outra América”, na qual o jovem descreve seu cotidiano estudantil e os aprendizados para os seus interlocutores nordestinos, já que esse jornal tinha um alcance bastante grande à época, contando com leitores que iam de Alagoas até o Maranhão. De fato, consta ter sido o meio da primeira alfabetização de muitos filhos de intelectuais locais, bem como uma das primeiras formas de definir o limite da região Nordeste, segundo o escritor paraibano José Lins do Rego (ALBURQUE JR, 2011).

Finda o ano de 1920 Bacharel em Artes e parte para a cosmopolita Nova York, especificamente para universidade de Columbia para adquirir o Mestrado em Ciências Políticas e Sociais, onde defende, *em 1922*, a tese *Social Life in Brazil in the middle of the 19th century*, já marcada pela influência do alemão Prof. Franz Boas, precursor da Antropologia Cultural, a qual pôs em xeque as visões biopsicológicas e antrogeográficas dos antropólogos evolucionistas da época, apontando uma visão etnocêntrica europeia sobre as sociedades do hemisfério sul e trazendo o campo da Sociologia o relativismo cultural de acordo com Baldus (1943), mostrando que além da miscigenação racial, a miscigenação cultural e local fez muito mais o povo brasileiro, colocando “a região como unidade última do espaço” e além disto, espaço fundante genético para análise de qualquer atividade humana (FREYRE, 1947).

Já no fim da temporada nos Estados Unidos, antes de partir para conhecer as principais capitais europeias, Freyre estabelece relações com Lafcádio Hearn e o francês Murras, com os quais aprofundou os pensamentos sobre federalismo e importância regional. Já em Paris, entre 1922 e 1923, entrou em contato com os conterrâneos pernambucanos Vicente e Joaquim Rego Monteiro, que apresentaram o modernismo nas artes a Freyre, e, por fim, com Mario Sette, que nas obras *Senhora de Engenho* (1921) e *Palanquim Dourado* (1923) introduziria “o mais genuíno”, segundo Freyre, “espírito regional”. (FREYRE, 1947).

Com uma nova visão de mundo de seu próprio país, a felicidade de

rever seu locus toma conta do Freyre de 23 anos. Sobre sua volta, o amigo e escritor José Lins do Rego exalta:

Vi Gilberto Freyre por este tempo voltado à terra, querendo casar-se com a terra. Era ele então amigo do arcebispo de Olinda, do Pai Adão, do Velho Dudu, sócio do Clube das Pás. O nativo aceitava a sua Pátria, mas o seu amor não era de cego, de alucinado. Era o amor de quem examinava, de quem descobria os defeitos, e se indignava contra os que, pretendendo melhorar, destruíam ou aleijavam o que ainda havia de realmente grande em Pernambuco e no Brasil. (FREYRE, 1996)

Sobre os problemas que havia encontrado em Recife, se davam pelo afrancesamento urbano do local que entre 1913-1916, por influência do Barão de Huseman, vê seu centro histórico todo remodelado, desaparecendo a Igreja do Corpo Santo, o Arco do Bom Jesus (remanescente do período holandês) e a Igreja de São Pedro, e transformando a Ilha do Recife em um centro com grande avenidas enlanguescidas e interligadas, criando-se o que hoje se vê do marco zero da cidade, que para Freyre nada contribuía para a ensolarada e irrigada Recife, concordando e temendo um maior “maquiamento” francês da cidade, como feito no Rio de Janeiro de 1904 por Pereira Passos, em discordo opinativo também com o intelectual Monteiro Lobato (Dimas, 2004).

É nesse Recife que pulsa no início do século que Freyre foi se apropriando, se inaugura o primeiro desfile de Modas em 1916, que se faz liga de futebol pernambucana em 1915, junto com o novo esgotamento sanitário de Saturnino de Brito. Somado a isso, as ruas menos estreitas dão lugar a bondes, carros, a cafés, docerias e restaurantes, cinemas e peças de Teatro das companhias Valesco e Lea Candini, acontecimentos e obras intensificadas em meados dos anos 20 (1924-1927) pelo governo de Sérgio Loreto segundo Rezende (2016). Para Valdemar de Oliveira, teatrólogo que frequentava a boemia recifense com Freyre, e para o professor Mário Sette, era o período da *belle époque recifense*, no qual as orquestras de jazz invadiam os teatros e as novidades se faziam cor nas revistas, onde “ o progresso era intenso, o dinheiro fácil. (OLIVEIRA,1985) (Figura 4)



Figura 3. Cinema Pathé, inaugurado em 1909, na Rua Nova.

Foto - Autor desconhecido. Fonte: <<http://cidadedosmelindres.blogspot.com/2012/10/cinemas-recifenses-nos->

O contexto econômico local e do Nordeste também afligia Freyre, pois a queda financeira considerável do açúcar, seu principal motor de desenvolvimento econômico, faz com que o poder estatal /econômico se volte quase que inteiramente para o Sudeste. Somado a esse fator, Santos (2011) adiciona:

O engenho de açúcar tornava-se cada vez mais obsoleto, como forma de produção, diante das usinas industrializadas. Estas trazem consigo não apenas incrementos de ordem técnica, mas também uma nova forma de racionalização do trabalho e das relações sociais entre proprietários e trabalhadores. Substituem a dominação patriarcal pela exploração capitalista. O habitus de dominação do senhor de engenho é trocado, gradualmente, pelo do burguês. (SANTOS, 2011)

Devido a essas questões e à necessidade de desatrelar o nome do Nordeste do único imagético dos flagelos de grande secas de 1887 e 1889¹ e dos messiânicos retratados por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1910), surge a necessidade de exaltar o Nordeste sociocultural, raiz das crenças, comidas e da nascente do povo brasileiro, nordeste esse presenciado pela criança e o jovem Freyre e que merecia ser expandido para todo o Brasil e, por que não, para o mundo.

Com essa necessidade nasce, segundo Andrade (2007), em 1924, o Centro Regionalista Pernambucano, sediado na casa do intelectual Odilon Nestor. O Centro propôs, sobretudo, celebrar a permanência das tradições singulares do Nordeste, através da promoção de rodas de diálogo que iam da exaltação do ecletismo religioso e da peculiaridade gastronômica à preservação da paisagem local, já dita como ecológica, fazendo conexão com a modernidade da época e, ao mesmo, tempo evitando-se um caráter bairrista (FREYRE, 1996).

É nesse contexto que Gilberto Freyre publica *O Livro do Nordeste* (1925) comemorativo ao centenário do Diário de Pernambuco e meses depois, em 1926, realizou-se, (de 7 a 11 de fevereiro de 1926), no Recife, o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, tendo como representante o próprio Gilberto Freyre, que já traz no livro, divulgado no evento, as pertinências discutidas no Centro Regionalista, conferindo um caráter, além de sociocultural, político ao encontro (ALBUQUERQUE JR, 2011).

Nesse congresso se exploraram conteúdos geográficos diversos, os quais foram expostos e subdivididos nas plenárias de fala geral, como ressalta Fernando de Mello Freyre, ao relatar que o programa geral do Congresso:

1 O termo “Nordeste” aparece pela primeira vez com acepção espacial específica numa referência feita pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, como tentativa de solucionar os problemas das secas recorrentes no final do século XIX e início do século XX. (ALBUQUERQUE JR, 2011)

[...] estava assim definido: I - Problemas Econômicos e Sociais - 1º - Unificação econômica do Nordeste: ação dos poderes públicos e dos particulares; 2º - Defesa da população rural: habitação, instrução, economia doméstica; 3º - O problema rodoviário do Nordeste: aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região; 4º - O problema florestal: legislação e meios educativos; 5º Tradições da cozinha nordestina: aspectos econômicos, higiênicos e estéticos. II - Vida Artística e Intelectual - 1º - Verificação da vida cultural nordestina: organização universitária, ensino artístico, meios de colaboração intelectual e artística, escola primária e secundária; 2º - Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste: urbanização das capitais, planos para pequenas cidades do interior, vilas proletárias, parques e jardins nordestinos; 3º - Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos; 4º - Reconstituição de festas e jogos tradicionais (FREYRE, 1977).

As preocupações contemporâneas tornam Freyre, dito só como ‘tradicionalista’ e ‘arcaico’ por modernistas como Oswald de Andrade, muito mais moderno que o modernismo de 1922, já que as preocupações ecossociais aparecem quase inexistentes naquele movimento, como trata o geógrafo Tadeu Rocha (1964), que ainda traz a soma a seguinte visão, ao falar do movimento:

O primeiro regionalismo nordestino valorizou o homem e as coisas deste pedaço do Brasil, numa interpretação realista dos nossos fatos históricos, sociais e econômicos. E também criou uma nova mentalidade antiacademista no meio dos jovens intelectuais do Nordeste, que puderam cristalizar as suas ideias nos estudos históricos e geográficos, no ensaio sociológico, no romance social e na poesia regionalista ou profundamente humana (ROCHA, 1964)

Essa visão ecológica de Freyre é trazida também em continuidade no seu livro *Tradição e Região* (1941) , onde a visão de região se mistura nitidamente com a categoria de paisagem no sentido socioambiental , ao tratar nessa obra a importância do meu físico pernambucano açucareiro para o desenvolvimento cultural e social desse povo, como meio de exaltar e renovar a potencialidade regional daquele locus. Essa região humana ou essa paisagem regional tem influências do geógrafo americano Carl Sauer(1889-1975) , que contemporâneo acadêmico de Freyre , teve influência quase que direta nos seus escritos desse período , principalmente após a obra *Morphology of Landscape* (1925) que segundo Rogers (2012) trouxe a Freyre em seu método:

Freyre percebeu no método de Sauer um tratamento balanceado de forças ambientais e culturais, a influência de clima e os efeitos de usos da terra de longo prazo. Ele pensava em Sauer como um estudioso que entendeu a importância da “harmonia da paisagem”.(ROGERS,2012)

Essa “ harmonia da paisagem “ aparece em seu fazer regional ao tratar já em *Nordeste* (1989) essa visão de paisagem dentro de sua visão de *Região em especial Região Nordeste* , escrevendo assim:

A natureza regional tende...a fazer o homem, o grupo, a cultura humana à sua imagem, ele observa, mas, por sua vez, o homem, o grupo, a cultura humana agem

Pensando nos desdobramento dessa ótica regional , Rocha revela as continuidades se espelharam principalmente na literatura nordestina; no Romance de 30, com Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jose Lins do Rego, este último participe do movimento e da vida pessoal de Freyre enquanto vivente. Em Luiz Gonzaga, no campo da música, e seus parceiros em 40; nas artes plásticas, em Lula Cardoso Ayres e Cícero Dias; e, no teatro, em Ariano Suassuna e sua busca de um Brasil profundo, mais tradicional, quase medieval, em 50 (D'ANDREA, 1992). (Figura 3).

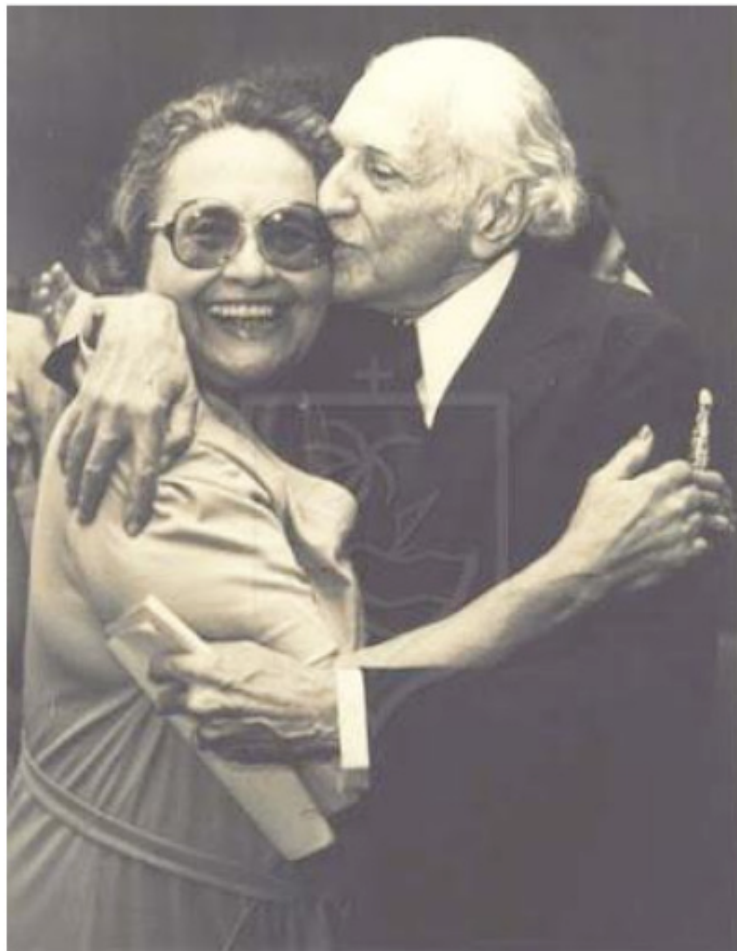


Figura 4 – Fotografia Encontro dos Regionalismos : Gilberto Freyre e Raquel de Queiroz em solenidade em março de 1980.

Fonte :Acervo da Fundaj

Misturam-se assim, no Nordeste, revolução, permanência e continuidade em uma sobreposição, na qual esses lócus, mesmo que muito recente historiograficamente, torna-se espaço fim de um povo, de um tempo e de um futuro. Futuro base para melhor pensar o desenvolvimento das relações espaciais fragmentadas, singularmente notadas da melhor forma pela categoria geográfica Região.

3 | CONCLUSÕES

A visão da categoria de Região em Freyre revolucionou, em termos históricos e espaço-culturais, a visão que se tem de Região Nordeste, dissipando-a até os dias atuais. Já que a Região resgatada em Freyre, especialmente na década de 20, advém de uma visão moderna de paisagem trazida por linha *sauriana* que via a paisagem com um conjunto socioambiental de elementos que classificariam um lócus e que suas características deveriam ser exaltadas para melhor aproveitamento desse lugar, que Freyre viu como Região. Essa região, exaltada por Freyre se localizaria na porção nordeste do país, que ao possuir aspectos tradicionais da cultura brasileira, esses seriam exaltados mas não como redução ou oposição aos fazeres modernos, ao contrário sua complexidade regional é dita como pós-moderna por muitos autores, a exemplo de Maffesoli (2001) e Burke (1997), por reunir elementos citados como ambíguos, como o tradicional e o moderno e um espaço, algo notado na cidade que o fez: essa Recife em que o progresso ocorreu em tons de conquista sem esquecer do melhor de seus antigos, a multiculturalidade encontrada nesse locus e traço identitário, que o tornou e torna um locais complexo singular na região nordeste e no Brasil.

Desse modo e conclusivo aprender, como propõem Edson Nery Fonseca (1992), que Freyre ao abordar sua concepção de região e regionalismo trás consigo uma proposta além de pós-moderna também apontamentos que são transdisciplinares, transnacionais e por que não transregionais, afetando profundamente o que foi produzido intelectualmente posteriormente em termos de conhecimento sobre o nordeste, inclusive no meio geográfico atreves do que foi produzido em termos de monografias, aulas de campo e teses pelos geógrafos recifenses Manuel Correia, Mario Lacerda e Gilberto Osório, essenciais para espacialização do conhecimento, algo essencial para Brasil, para Nordeste, mas fundamentalmente para Recife.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ed. São Paulo : Cortez: 2011

ANDRADE, M. C. de. **A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco**. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 9-15, 2007.

BURKE, Peter. **Gilberto Freyre e a nova história**. *Tempo Social*. São Paulo, v.9, n.2, p.1-12, out. 1997.

CARDOSO, Luciene Pereira Carris. **O lugar da geografia brasileira: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro entre 1883 e 1945**. 1. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2013. 240p

D'ANDREA, Moema Selma. **A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992

DIMAS, Antonio. **Um manifesto guloso**. Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 7-24.

FREYRE, G. **Interpretação do Brasil**. Tradução de Olívio Montenegro. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1947.

_____. **Região e Tradição**. Rio de Janeiro. Editora José Olímpio, 1941.

_____. **Nordeste**. 6ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1989, p.

_____. **Manifesto Regionalista**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

FREYRE, F. de M. **O movimento Regionalista e Tradicionalista e a Seu Modo Também Modernista - Algumas Considerações**. *Ci. & Tróp.*, Recife, v. 5, n. 2, p. 175-188, 1977.

FONSECA, Edson Nery. **Gilberto Freyre A Província do Phdeísmo Carioca**. *Ci & Trop*. Recife, v.20, n.2, p.309-316, jul.-dez., 1992

GOMES, P. C. da C. **O conceito de região e sua discussão**. In: CASTRO, I. E. et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HAESBAERT, R. **Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas**. *Antares*, n. 3, 2010.

LEMONS, L. M. **As correntes da Geografia e o movimento de idéias em torno da região**. **Geografias (UFMG)**, v. 1, p. 26-36, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

OLIVEIRA, Valdemar. **Mundo submerso**, 3.ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos**. São paulo: Rditora da UNESP, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Quem é o povo no Brasil?** In: *Coleção Cadernos do povo brasileiro*, n.02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1962.

ROCHA, Tadeu. **Modernismo & Regionalismo**. 2 ed. Maceió, Imprensa Oficial .1964. il. 334p.

REZENDE, A. P. M. **Desencantos modernos: história da cidade do Recife nos anos 1920**. 2. ed. Recife: Editora da UFPE, 2016. 258p .

ROGERS, Thomas D. **Pensamento geográfico de Gilberto Freyre nos anos 1920 e 1930**. *Cadernos de História UFPE- Revista do Departamento de História UFPE*. v. 8, n. 8 ,2011.

SANTOS, Robson. **Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista Sociedade e Cultura**, vol. 14, núm. 2, julho-diciembre, 2011, pp. 399-408 .Universidade Federal de Goiás Goiania, Brasil

VAINER, C. B. **Regionalismo: anacronismo ou pós modernidade**. In: GONÇALVES, M. F. *O novo Brasil urbano*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

SOBRE O ORGANIZADOR

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira - Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando em Geografia pela USP. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEIO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: *No chão e na Educação: o MST e suas reformas* (2011), *Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil* (2011), *Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem* (2013), *Agroecologia, Alimentação e Saúde* (2014), *Gestão Ambiental* (2015), *Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais* (2016), *Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais* (2016), *Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas* (2017), *Atlas de Conflitos na Amazônia* (2017), *Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa* (2018), *Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2* (2019), *Geografia Agrária* (2019), *Questões que norteiam a Geografia* (2019), *Espaço agrário em questão* (2019) entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepholini@unimontes.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação pedagógica 15, 17, 18

Amapá 189, 190, 191, 197, 198, 201, 203, 204, 207, 208

Arroz 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

Atlas 37, 38, 39, 48, 49, 86, 127, 134, 136, 183, 187, 218, 253, 269

B

Beneficiamento 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

C

Campanha gaúcha 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Cartografia tátil 1, 2, 3, 4, 13, 14

Cidadania 15, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 123, 127, 129, 131, 136, 193, 215, 236

Cidades-gêmeas 189, 191, 192, 193, 200, 201, 202, 207

Comércio 57, 79, 81, 83, 85, 108, 109, 111, 114, 116, 163

Conhecimentos geográficos 15, 17, 18, 26, 27, 243

D

Democracia 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

Diversidade 15, 17, 19, 25, 26, 27, 33, 39, 40, 50, 52, 55, 60, 94, 101, 200, 243, 260, 268

Docente 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 87, 108, 168

E

Empresas de publicidade 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Engenhos 75, 77, 78, 137, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 150, 151

Ensino de geografia 1, 13, 16, 29, 35, 36, 243, 269

Estágio supervisionado 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

F

Feminicídio 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Fronteira franco-brasileira 189, 199, 201, 206

G

Gênero 54, 94, 174, 209, 210, 212, 213, 217, 218

Geografia agrária 37, 269

Gestão empresarial 179

Gestão urbana 120, 121, 122, 127, 131, 160, 168, 169, 171, 177

I

Influência 72, 74, 78, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 164, 180, 185, 197, 200, 262, 263, 265

Interior 55, 56, 57, 61, 62, 74, 77, 121, 132, 140, 194, 265

M

Mapas táteis 1, 3, 4, 12

Materiais 1, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 39, 53, 58, 73, 152, 153, 155, 156, 158, 162, 190, 195, 231, 245, 246

Mocambos 137, 138, 145, 146, 148, 149, 150, 151

Mulher 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

N

Norte de Minas 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49

O

Oiapoque 189, 190, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208

P

Participação 17, 19, 21, 25, 33, 42, 65, 72, 74, 110, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 156, 158, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 184, 220, 228, 231, 236, 242, 245, 269

Planejamento 38, 64, 85, 116, 117, 119, 120, 128, 129, 133, 136, 138, 157, 160, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 188, 202, 219, 220, 221, 224, 228, 229, 234

Plano plurianual 2018–2021 168

Política 53, 57, 59, 63, 67, 69, 95, 96, 107, 110, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 168, 170, 171, 176, 178, 181, 187, 193, 194, 201, 214, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259

População 24, 44, 53, 55, 59, 63, 64, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 113, 115, 116, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 142, 146, 148, 161, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 183, 187, 191, 193, 197, 198, 200, 213, 221, 231, 233, 236, 238, 241, 242, 245, 246, 250, 251, 265

Produção 1, 4, 12, 27, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 113, 118, 119, 128, 131, 135, 140, 142, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 178, 181, 182, 189, 190, 194, 196, 201, 206, 217, 236, 243, 264

Produção do espaço 27, 85, 89, 118, 128, 152, 153, 155, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165,

166, 178, 189, 201, 206, 217, 243

R

Recife 36, 49, 85, 117, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 165, 166, 183, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 258, 259, 261, 263, 264, 267, 268

Rede urbana 86, 109, 110, 117, 118, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 207

Região imediata de Ituiutaba 87, 88, 90, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106

Renda familiar 82, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 104, 105

Renovação urbana 152, 154, 155, 160, 163, 171

R-existência 50, 51, 52, 55, 56

Rincões 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58

RPA-05 137, 138, 140, 151

S

São Paulo 6, 7, 9, 11, 12, 13, 28, 35, 36, 49, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 85, 86, 107, 117, 118, 119, 127, 134, 135, 136, 138, 141, 142, 151, 154, 166, 167, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 207, 208, 217, 243, 244, 252, 253, 267, 268, 269

Shopping center 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Subalternidade 50, 51, 55, 57, 215

Sustentabilidade 15, 17, 19, 25, 27, 168, 170, 177, 219, 220, 224, 229, 235, 243

T

Território 3, 26, 37, 38, 39, 46, 48, 49, 51, 53, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 85, 86, 110, 123, 127, 131, 135, 137, 140, 145, 154, 164, 167, 171, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 217, 226, 229, 239, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 269

Território-fronteiriço 189

Timon 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119

V

Valorização das raridades urbanas 152

Violência 40, 54, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 247

Vulnerabilidade social 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 104, 105, 106

 **Atena**
Editora

2 0 2 0